

## **“O LEGADO FOLCLÓRICO” NO FANTÁSTICO BRASILEIRO: APRESENTAÇÃO DE UM PROJETO DE TESE**

**PAULO AILTON FERREIRA DA ROSA JUNIOR<sup>1</sup>;**  
**ENÉIAS FARIAS TAVARES<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria – juuniorferreira@yahoo.com.br

<sup>3</sup>Universidade Federal de Santa Maria – eneiastavares.ufsm@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

A produção literária brasileira no que tange ao campo do fantástico tem vivido uma revolução nos últimos vinte anos. A despeito da tradição difundida quase como um acordo silencioso entre escritores nacionais de outrora em não declararem-se representantes desse que tradicionalmente tem sido encarado como um gênero (sempre menor em relação à outros na sua valoração), mesmo que em suas narrativas pululem elementos que vão contra à lógica do ordinário do cotidiano mundano, os novos autores nacionais que trabalham com o insólito têm levantado a bandeira do que Matangrano e Tavares (2018) chamam de Fantasismo. Seria este um novo movimento literário promovido, principalmente, por escritores e leitores ávidos, mas também outras instâncias de legitimação, que não teme assumir-se como o lugar de prestígio, da defesa, da divulgação deste que começou-se a entender, pela diversidade em suas abordagens, não mais como gênero, mas como um modo de narrar, o fantástico.

Asseverando, então, o insólito como *intenção* principal, as obras produzidas no contexto desse movimento têm como outras características relevantes o protagonismo de personagens cujas identidades têm sido historicamente marginalizadas, como indígenas, homossexuais e negros, o desenrolar das narrativas em cenários nacionais, seja em grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, seja em alguma cidade interiorana do sul ou do norte ou nordeste, e a predileção pelo manejo do imaginário de matriz africana, muito difundido em nossa cultura, e das narrativas do folclore brasileiro. Embrenhando-se nos mitos e lendas dessas últimas, são expoentes, por exemplo, títulos como *A Bandeira do Elefante e da Arara*, obra intermídia de Christopher Kastensmidt, *As Aventuras de Tibor Lobato*, trilogia em referência ao criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de autoria de Gustavo Rosseb, e a série *O Legado Folclórico*, de Felipe Castilho.

Em *O Legado Folclórico*, Anderson Coelho, um menino negro da pacata cidade de Rastelinho, localizada no interior de Minas Gerais, aficcionado por aventuras de RPG, acaba envolvido nas disputas entre a Organização, um misto de orfanato de criaturas “meio-folclóricas” e ONG de preservação da natureza, contra a empresa de exploração Rio Dourado e seu carismático, porém nada bem intencionado dono, Wagner Rios. Os três volumes que compõem a série até o presente momento – *Ouro, Fogo e Megabytes*, *Prata, Terra & Lua Cheia* e *Ferro, Água & Escuridão* – figuram como *corpus* do projeto de tese que este trabalho tem como objetivo apresentar. Realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com apoio financeiro da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), esta pesquisa está alocada na área de concentração dos Estudos Literários, mais especificamente na linha Literatura, Cultura e Interdisciplinaridade, e busca compreender a relação da reimaginação dos

personagens das narrativas folclóricas brasileiras com a construção do fantástico no narrativa.

## 2. METODOLOGIA

Se as obras literárias só existem efetivamente quando lidas, seu potencial epistemológico, conseqüentemente, só fica evidente a partir do ato de uma leitura e também de uma escrita sobre elas. Assim, propõe-se tomar as obras que compõem *O Legado Folclórico* como *corpus* de análise para formular uma interpretação crítica com base não apenas em uma hipótese levantada a partir desse material, mas também em relação ao saber acumulado sobre os temas que perpassam essa possibilidade interpretativa.

Assim, para embasar esses movimentos, parte-se de teóricos que discutem o conceito de folclore no Brasil, como Cascudo (2012 [1967]) e Carneiro (2008 [1950]), para entender, principalmente, sobre os processos de atualização desse fenômeno; bem como transita-se, também, por autores como Samoyault (2008) e Genette (2010), para entender relações intertextuais/transtextuais que lhe dão margem, e García (2019) e Prada Oropereza (2006), para estabelecer as relações possíveis com a instauração do insólito.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por tartar-se, neste estágio da pesquisa, de um projeto, ainda não existem resultados a serem apontados. Entretanto, discussões podem ser fortemente suscitadas em torno do que se propõe, como veremos.

Os romances que compõem *O Legado Folclórico* fazem parte de um nicho bastante específico da literatura fantástica, que Andriolli de Brites da Costa chama, não sem a ressalva de não ter cunhado o termo, de ficção folclórica, utilizado para designar “narrativas de ficção construídas a partir de uma inspiração no imaginário popular” (COSTA, 2018, p. 308). Sendo, assim, o folclore o mote dessas produções literárias, torna-se necessário compreender, mesmo que brevemente, a que se refere ao empregar o conceito. Dessa forma, Cascudo (2012) explica que:

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o FOLCLORE. (CASCUDO, 2012 [1967], p. 9).

O senso comum costuma valorá-lo como um saber menor, como pré-científico, algo relacionado intimamente aos mais simples, à um modo de pensar primitivo que hoje em dia só cabe aos mais velhos ou às crianças. Aparece, também, o folclore como algo que se aprende nas escolas, como parte das crendices do povo não letrado, de um estágio de evolução social já superado, que serve apenas como curiosidade e entretenimento infantil. Entretanto, basta apurar o olhar para comprovar a averiguação de Carneiro (2008 [1950]) de que com o folclore o povo, na verdade, “reivindica para si o que a sociedade lhe tem negado, em países como o Brasil, ou lhe está tirando, em outros – o direito ao trabalho, à paz, à liberdade civil, ao bem-estar econômico, à felicidade sobre a Terra” (CARNEIRO, 2008 [1950], p. 25). Assim, como o autor pontua, “A palavra *folclore* identifica, em conjunto, uma série de maneiras de sentir, pensar e agir



característica das camadas popularidades nas sociedades civilizadas” (CARNEIRO, 2018 [1950], p. 129), sendo “as histórias e as lendas [...] manifestações da vida do povo que cabem na categoria do folclore” (CARNEIRO, 2018 [1950], p. 129), com as quais exercitam sua memória, sua imaginação e seu poder criativo.

Embora uma das características fundamentais e distintivas das narrativas folclóricas ressaltadas pelos dois autores citados seja a independência e não interferência dos círculos tidos como eruditos em suas formas primevas, Eliade (2016, p. 163) atenta para o fato de que produções culturais da sociedade do consumo e suas formas, por se assim dizer, eruditas de expressão, como “o romance prolongam, em outro plano e com outros fins, a narrativa mitológica”, tomando o lugar nas sociedades modernas ocupado até então pela recitação dos mitos e dos contos e sendo possível, assim, “dissecar a estrutura mítica de certos romances modernos, demonstrar a sobrevivência literária dos grandes temas e dos personagens mitológicos” (ELIADE, 2016, p. 163).

Boa parte, se não a totalidade desses romances, localiza-se no grande guarda-chuva conceitual que chamamos *literatura fantástica*, principalmente pelo que Matangrano e Tavares (2018) ressaltam em seu livro: “quase tudo o que é considerado fantástico foi um dia considerado verdade no campo da religião, da crença ou da superstição” (MATANGRANO & TAVARES, 2018, p. 18). No domínio dos estudos literários, o fantástico também designa um *modo* de narrar que se desenvolveu ao longo do século XIX na Europa, com raízes no pensamento mágico das antigas tradições e em cujos discursos, segundo Prada Oropeza (2006, p. 57), “lo ‘insólito’ emerge en un ‘clima’, por así decirlo, de aparente ‘normalidade’”. O que Oropeza elege chamar de “insólito” neste contexto, García (2011) esmiúça esclarecendo como “a manifestação, no plano narrativo, de algo que fuja às regras convencionais da racionalidade própria do senso comum cotidiano [...] e, conseqüentemente, a incerteza que disso resulta, tanto por parte dos seres de papel, quanto pelo leitor real” (GARCÍA, 2011, p. 2).

Durante muito tempo essa literatura do insólito, a literatura fantástica, ficou relegada à marginalidade na historiografia literária brasileira. Entretanto, o Fantástico Brasileiro emergiu com grande fôlego editorial no início deste ainda jovem século XXI, quando escritores emergentes passaram a figurar como fortes apostas das editoras nesse filão, a competir de igual para igual na disputa de vendas com nomes já consagrados da literatura internacional desta categoria.

É sobre esse pano de fundo que Matangrano e Tavares (2018) ressaltam que “Há muito tempo o folclore brasileiro fornece inumeráveis subsídios para autores revisitarem suas histórias, com seus muitos mitos, monstros e heróis” (MATANGRANO & TAVARES, 2018, p. 209), ressaltando trabalhos literários diversos e *O Legado Folclórico* em especial e completam que:

Num cenário marcado por obras de fantasia estrangeiras, trata-se não apenas de uma produção vigorosa e estilisticamente admirável, como também de um posicionamento ultrapertinente de que nossos mitos e histórias não devem nada a quaisquer outros monstros ou heróis criados em outros países (MATANGRANO & TAVARES, 2018, p. 216).

Tal inspiração em nossa tradição folclórica só se torna possível para a concepção dessas novas obras graças ao caráter transtextual que caracteriza a literatura, sendo a intertextualidade, uma das cinco relações transtextuais possíveis, a própria condição da literariedade (GENETTE, 2010). Nesse sentido, torna-se pertinente considerar, a partir de Samoyault (2008, p. 68) que “as práticas intertextuais informam sobre o funcionamento da memória que uma época, um grupo, um indivíduo tem das obras que os precederam ou que lhes são

contemporâneas”, uma vez que a memória do contador de histórias foi o único suporte das narrativas folclóricas por muito tempo.

#### 4. CONCLUSÕES

Busca-se, então, com esta pesquisa, compreender questões inerentes tanto à literatura fantástica enquanto um modo específico de narrar, quanto ao folclore brasileiro enquanto um recurso possível dentro do nosso contexto de produção (e porque não de outros?) desse filão e um bem cultural a ser preservado e valorizado. Para além, é a oportunidade de contribuir com a fortuna crítica da literatura fantástica produzida nacionalmente.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, E. **Dinâmica do Folclore**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

CASCUDO, C. **Folclore do Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2012.

CASTILHO, F. **Ouro, Fogo & Megabytes**. 3. Ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2015. (O Legado Folclórico ; 1).

\_\_\_\_\_. **Prata, Terra & Lua Cheia**. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg 2015. (O Legado Folclórico ; 2).

\_\_\_\_\_. **Ferro, Água & Escuridão**. 1. Ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2015. (O Legado Folclórico ; 3).

COSTA, A. B. da. Breves notas sobre a ficção folclórica no Brasil. **Abusões**. Rio de Janeiro, n.7, p. 282-335, 2018.

ELÍADE, M. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.

GARCÍA, Flávio. Fantástico: a manifestação do insólito ficcional entre modo discursivo e gênero literário – literaturas comparadas de língua portuguesa em diálogo com as tradições teórica, crítica e ficcional. **Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**. Curitiba: ABRALIC, 2011. Disponível em: <  
<http://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0010-1.pdf>>  
Acessado em 26 de jul. de 2019.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

MATANGRANO, B. A.; TAVARES, E. **Fantástico Brasileiro**: o insólito do romantismo ao fantasismo. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

PRADA OROPEZA, R. El discurso fantástico contemporáneo: tension semántica y efecto estético. **Revista Semiosis**, Tercera época, v. 2, n. 3, p. 54 – 76. Enero-Junio/2006.

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008